

# *As direitas se movem*

Flávia Lima, ombudsman

Folha de S. Paulo, 15.nov.2020

Jornal serve às estratégias políticas que se deslocam rumo à 'moderação'

Às vésperas do primeiro turno das eleições municipais que ocorrem neste domingo (15) e que excluirão os eleitores de Macapá, humilhados por um apagão que adiou a votação, a **Folha** conseguiu causar barulho mirando o pleito de 2022.

Reportagem publicada no impresso de domingo (8) chamou de "centrista" eventual aliança entre o apresentador da Rede Globo Luciano Huck e o ex-juiz Sergio Moro. Segundo o texto, "dois dos principais nomes do centro no espectro ideológico na política" haviam iniciado conversas de olho na eleição presidencial de 2022.

Foi a senha para que toda a repercussão do furo dado pela **Folha** saísse da órbita da sucessão presidencial para fixar-se na tentativa do jornal de empurrar a união ao centro político, balaio no qual ainda foram incluídos o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), e o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (DEM).

Os leitores não deixaram barato. "Neste domingo a Folha se superou: Moro e Huck de centro? O jornal esqueceu o pacote anticrime?", perguntou um leitor. "O tempero da redução da desigualdade viria das visitas do Huck às casas dos brasileiros para fazer surpresa com presentes?", ironizou outro.

"Percebe-se que a direita está em crise quando dois dos seus principais representantes são vendidos ao público como moderados de centro", afirmou um terceiro.

Como na sexta-feira (13) o jornal já havia rebatizado a união de "frente de centro-direita", é possível esperar que antes das eleições de 2022 a Folha consiga situar a aliança de modo mais preciso.

Faz parte do jogo político que os atores busquem se vender como uma promessa de moderação, sobretudo após se darem conta de que a adesão ao governo Bolsonaro não saiu como imaginada. Huck disse, em 2018, que Bolsonaro tinha uma chance de ouro de ressignificar a política no Brasil, enquanto Moro não só pavimentou o caminho que nos levou ao capitão como se colocou às suas ordens.

Que uma reportagem reproduza essa ideia sem reflexão é grave. Que a cobertura, ao longo da semana, tenha alterado o enfoque de centro para a centro-direita sem explicação ao leitor é incompreensível.

As reportagens aceitaram de modo acrítico uma operação de reposicionamento de marca do ex-juiz e do apresentador global. Mas falar de desigualdade social não faz de Huck um centrista, assim como deixar o governo Bolsonaro (ou ter sido empurrado para fora dele) não encurta a distância existente entre Moro e o centro político.

Com o furo no domingo, a Folha escancarou a régua ideológica do jornal— que já negou a extrema direita a Bolsonaro e agora concede o centro à dupla Moro e Huck.

No entanto, as posições políticas se localizam mais à esquerda ou mais à direita do espectro ideológico a depender de como são elaborados os temas econômicos e sociais, da coerência entre eles, dos compromissos assumidos em cada uma dessas esferas e da forma como isso se traduz em políticas públicas.

No sábado (14), em editorial, a **Folha** disse em favor da abordagem que definir o centro político é tarefa ingrata e sujeita a subjetivismos. Que tal ouvir o próprio Moro?

Em entrevista ao jornal O Globo na segunda (9), questionado sobre o modo como enxerga hoje Bolsonaro, o ex-juiz disse que o que falta ao presidente é "ímpeto reformista".

Também não é demasiado lembrar que, ao Estado de S. Paulo, Rosângela Moro disse ver o marido no governo Bolsonaro como "uma coisa só".

Na qualificação da aliança, nem O Estado, que oferece ampla vitrine a Huck em série de entrevistas que faz com personalidades, foi tão longe. Repercutindo a matéria da **Folha**, o concorrente disse sobre Moro que, "embora tenha rompido com Bolsonaro, sua passagem recente pelo governo federal pode tirar o caráter centrista que os apoiadores de Huck gostariam de dar a uma eventual candidatura".

Por fim, não há nada mais autoritário e retrógrado do que um dos pontos centrais da política de segurança de Moro— a previsão de imunidade de agentes de segurança que cometam excessos por medo, surpresa ou violenta emoção. Isso num país com alto nível de violência policial em especial contra a população pobre e negra.

Entre os leitores, ficou a percepção de que a **Folha** inicia a cobertura das eleições de 2022 sem a devida imparcialidade. Curiosamente, ferramenta do jornal que monitora o debate político no Twitter aponta Huck à direita

do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM), e Moro, como esperado, próximo de Bolsonaro.

Os centros se movem, é verdade, mas na base de compromissos. Se as eleições municipais ou mesmo o desfecho do pleito americano enviam sinais de que a enorme onda de direita dos anos mais recentes perde fôlego, a busca por um Biden tropical deve envolver de tudo até esforços para esquecer o papel do tal centro na ascensão do governo atual.

O que não pode é a **Folha** participar desses esforços, servindo às estratégias de políticos que acham que os ventos agora sopram a favor da moderação. Se for fazê-lo, é preciso deixar isso claro ao leitor.

### **Flavia Lima**

Repórter especializada em economia, é formada em ciências sociais pela USP e em direito pelo Mackenzie. É ombudsman da Folha desde maio de 2019.